

Frutos pequenos de baga

ANÁLISE DA CAMPANHA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO NORTE DE PORTUGAL

2024

Jerónimo Côrte-Real Santos

3 novembro de 2025



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I.P.

Créditos das fotos

Amora – internet google imagens

Framboesa – internet google imagens

Groselha – internet google imagens

Mirtilo – Aurora Alves – relatório ECPC junho de 2024.

Sabugueiro – Suzana Fonseca – relatório ECPC junho de 2024

Divisão de programas e avaliação

Conteúdo

1. Introdução

2. Classificação da fileira

3. Áreas de mercado

4. Produção

4.1. Incidência geográfica

4.1.1. Concelhos com maiores áreas da cultura

4.1.2. Produções diferenciadas

4.2. Variedades/cultivares/tipos

4.3. Caracterização tecnológica

4.4. Modos de produção

4.5. Condicionamentos de natureza climática e sanitária

4.6. Condicionamentos de natureza sócio económica

4.7. Área, produção e produtividade

4.8. Sistema de rastreabilidade para certificação do produto

4.9. Importância económica da cultura na região Norte

5. Comercialização

5.1. Calendário de produção/comercialização

5.2. Oferta *vs* procura

5.3. Qualidade do fruto comercializado

5.4. Concorrência do produto importado

5.5. Circuitos de comercialização

5.6. Evolução das cotações

5.7. Promoção e campanha de marketing

6. Indústria

7. Análise SWOT da fileira

8. Perspetivas e recomendações

1. Introdução

A análise dos mercados de produção e dos mercados abastecedores é um instrumento essencial para a gestão e planeamento estratégico da produção agrícola em Portugal. Através de sistemas de recolha e divulgação de informação, como o SIMA – Sistema de Informação dos Mercados Agrícolas, é possível compreender a dinâmica entre a oferta e a procura, os movimentos de preços e as tendências de consumo, permitindo aos agentes do setor tomar decisões mais informadas e eficazes.

Em primeiro lugar, a observação sistemática dos mercados de produção fornece dados fundamentais sobre as condições reais em que os produtos agrícolas são transacionados. Estes mercados refletem o ponto de contacto entre o produtor e o primeiro comprador, sendo sensíveis a fatores como a sazonalidade, as condições meteorológicas, as políticas agrícolas e as oscilações na procura interna e externa. A análise dos preços médios, máximos e mínimos divulgados pelo SIMA permite avaliar a rentabilidade das produções, antecipar períodos de maior ou menor valorização e ajustar a oferta de forma mais equilibrada ao mercado.

Por outro lado, os mercados abastecedores desempenham um papel determinante na regulação da distribuição e no acesso dos produtos agrícolas ao consumidor final. São o elo entre a produção e o comércio grossista ou retalhista, e constituem um espaço privilegiado para medir o comportamento da procura, as preferências de consumo e as flutuações dos preços em função da qualidade, origem ou disponibilidade do produto. A análise destes mercados permite, portanto, compreender melhor o percurso do produto ao longo da cadeia de valor e identificar oportunidades de melhoria na logística, armazenamento e comercialização.

A importância da análise integrada dos mercados de produção e dos mercados abastecedores reside na sua capacidade de sustentar decisões estratégicas e políticas públicas. Para os produtores, significa dispor de informação atualizada e fiável que apoia o planeamento da produção, a escolha de culturas, o calendário de colheita e a negociação com os compradores. Para os decisores públicos, permite

avaliar a estabilidade dos mercados, identificar desequilíbrios ou situações de risco, e conceber medidas de apoio ou regulação adequadas.

Além disso, este tipo de análise contribui para uma maior transparência e eficiência do setor agrícola, reforçando a competitividade e a sustentabilidade económica das explorações. A disponibilização regular de dados de mercado, como os fornecidos pelo SIMA, promove também a equidade nas relações comerciais e ajuda a reduzir a assimetria de informação entre produtores e intermediários.

Em suma, a análise dos mercados de produção e dos mercados abastecedores é um pilar fundamental para o desenvolvimento equilibrado da agricultura. Ao fornecer informação detalhada e atualizada sobre o comportamento do mercado, esta análise apoia decisões mais racionais, promove a estabilidade económica do setor e contribui para a sustentabilidade e valorização da produção agrícola nacional.

2. Classificação da fileira

Esta fileira é considerada de primordial importância.

3. Áreas de mercado

Os pequenos frutos de baga (amora, framboesa, groselha, mirtilo e sabugueiro) têm mercados de produção estabelecidos no Entre Douro e Minho localizados no grande Porto e em Trás-os-Montes localizados em Bragança.

De referir que o fruto de sabugueiro não é objeto de recolha de preços pela estrutura do SIMA.

No SIMA não há registos para mercados abastecedores.

4. Produção

4.1. Incidência geográfica

No Norte as cinco culturas de frutos de baga pequena ocuparam uma área de 1745 hectares onde o mirtilo é a principal cultura com 72% (1262 ha), o sabugueiro ocupa 16% desta área (284 ha) e a framboesa representa apenas 5% daquela área com 91

hectares. A groselha com 4% (65 ha) e a amora com 2% (43 ha) têm a menor ocupação de solo desta categoria de culturas segundo dados do Quadro de Produção Vegetal.

4.1.1. Concelhos com maiores áreas da cultura

Numa análise da ocupação de solo por concelho e por cultura apresentamos na tabela 1 os concelhos com maior área por cada uma das cinco culturas.

Tabela 1 – Concelhos com maior área em cada uma das culturas

Concelho	Cultura	ÀREA (ha)
Tarouca	Sabugueiro	167,58
Resende	Mirtilo	116,72
Guimarães	Framboesa	12,31
Guimarães	Groselha	11,37
Fafe	Amora	3,58

4.1.2. Produções diferenciadas

Para além dos frutos frescos os frutos que ficam desclassificados para consumo em fresco são utilizados como preparados para a indústria nomeadamente dos gelados e pastelaria.

4.2. Variedades/cultivares/tipos

1. Mirtilo



Na região Norte já se utilizam várias variedades de mirtilo (*Vaccinium corymbosum*) adaptadas às condições locais. Por exemplo, a variedade “Duke” (tardia) é bastante usada e referida como uma das duas plantas-foco nessa região. Outras variedades citadas incluem “Legacy”, “Bluecrop”, “Liberty”, “Draper” ou

“Aurora”

(tardia).

2. Framboesa



Para framboesas (*Rubus idaeus* ou híbridos de framboesa) no Norte de Portugal destacam-se algumas variedades importantes. A variedade Enrosadira® está licenciada para a Península Ibérica, é uma variedade remontante com boa adaptabilidade e resistente a baixas temperaturas (menos de -20 °C). Outras variedades utilizadas são a “Lupita”, “Adelita”, variedades adaptadas à colheita escalonada ou a ambientes de mais elevada produção. “Paris” ou “Clarita” são outras variedades também utilizadas nesta região.

3. Amora



Para amoras (*Rubus fruticosus* ou híbrido comercial) na região Norte, algumas das variedades mais usadas são “Loch Ness”, variedade comercial com boa firmeza de fruto, adequada à colheita mecânica ou manual e ao transporte. “Reuben” e “Triple Crown” são variedades que permitem extensão da época ou diversificação de calibres

4. Groselha



No caso das groselhas (*Ribes rubrum* ou variedades similares) a variedade Junifer é considerada como “principal” em produção de groselhas na península. Também existe a variedade “Jonkheer van Tets”.

5. Sabugueiro



Para o sabugueiro (*Sambucus nigra*), planta que está a ganhar algum destaque como cultura emergente de pequenos frutos em Portugal, já se referem três cultivares em uso: Sabugueira, variedade precoce, Bastardeira maturação média e “Sabugueiro” (nome comercial da variedade tardia).

4.3. Caracterização tecnológica

O mirtilo (*Vaccinium corymbosum*) com uma densidade de plantação entre 3.000 a 5.000 plantas/ha, tem como principais características um fruto firme, sabor doce,

boa conservação, alto teor de antioxidantes. Esta cultura prefere solos ácidos e bem drenados em que as suas variedades estão adaptadas ao frio e humidade.

A framboesa (*Rubus idaeus*) com uma densidade de plantação entre 10000 a 12000 plantas/ha, apresenta uma boa produtividade e calibre com resistência a baixas temperaturas e tem um período de colheita prolongado. No Norte deve-se utilizar túneis para proteger da chuva e requer suporte e boa ventilação.

A amora (*Rubus fruticosus*) com uma densidade de plantação entre 3.000 a 5.000 plantas/ha, tem como principais características um fruto grande, firme, doce apresentando bom rendimento e fácil transporte. No Norte torna-se necessário utilizar as variedades adaptadas a clima fresco e húmido e exige condução em espaldeira.

A Groselha (*Ribes rubrum*) com uma densidade de plantação entre 4.000 a 6.000 plantas/ha, tem como principais características um fruto ácido em cachos com boa aptidão para transformação. Tem boa resistência ao frio mas exige solos bem drenados e exposição solar.

O Sabugueiro (*Sambucus nigra*) com uma densidade de plantação entre 1.000 a 1.500 plantas/ha, tem como principais características um fruto negro-violáceo em cachos com elevado teor de pigmentos e antioxidantes. É uma planta rústica, tolerante à humidade e está adequada ao clima do Douro e Minho.

Como síntese técnica podemos dizer que;

Quanto ao clima o Norte apresenta boa disponibilidade hídrica, humidade moderada e temperaturas amenas — condições ideais para pequenos frutos, mas exigem atenção à drenagem e sanidade. Sobre os sistemas de produção verifica-se que cada vez é mais frequente o uso de túneis plásticos (principalmente para framboesa e amora) para proteger da chuva e prolongar a colheita.

O destino comercial destes frutos verifica-se que a maioria da produção é destinada ao mercado fresco e exportação, com transformação (sumos, compotas, licores) crescente para groselha e sabugueiro.

Em relação às tendências existe uma maior procura por variedades de fruto firme, de bom calibre e colheita escalonada, que respondam às exigências de exportação e logística de frio.

4.4. Modos de produção

No Norte de Portugal coexistem essencialmente três modos de produção agrícola aplicados aos pequenos frutos de baga:

a) Produção Convencional

É o modo predominante, sobretudo em explorações de média dimensão e orientadas para exportação.

Caracteriza-se pelo uso racional de fertilizantes minerais e produtos fitofarmacêuticos autorizados, com forte ênfase na gestão de qualidade e segurança alimentar (GLOBALG.A.P., HACCP).

O objetivo é maximizar produtividade e uniformidade de calibre e aparência dos frutos.

b) Produção Integrada

É um modo intermédio que conjuga boas práticas agrícolas (BPA) com um uso controlado de inputs químicos.

Implica a monitorização de pragas, o registo de tratamentos, a gestão eficiente de água e fertilização equilibrada.

Tem vindo a crescer no Minho e Trás-os-Montes, por ser economicamente viável e ambientalmente responsável.

Os produtores aderem a sistemas de certificação de produção integrada (DGADR), valorizando o produto no mercado nacional e externo.

c) Produção Biológica

Ainda representa uma pequena percentagem, mas está em expansão, sobretudo em áreas de montanha e solos ácidos (Sever do Vouga, Ponte de Lima, Monção, Bragança).

Baseia-se na não utilização de pesticidas sintéticos, na fertilização orgânica (estrumes, compostos) e no controlo biológico de pragas.

O mirtilo é o fruto de baga mais adaptado a este sistema devido à sua rusticidade e menor exigência fitossanitária.

O mercado europeu valoriza muito os produtos biológicos certificados, o que incentiva novos investimentos neste segmento.

4.5. Condicionalismos de natureza climática e sanitária

O clima é um fator crítico de sucesso na produção de pequenos frutos.

Ao nível das temperaturas o Norte apresenta invernos frios e verões amenos — benéficos para espécies que necessitam de horas de frio (mirtilo, groselha, sabugueiro).

No entanto, geadas tardias em abril-maio podem danificar a floração e a rebentação.

No que diz respeito à precipitação a pluviosidade elevada (especialmente entre outubro e março) pode provocar excesso de humidade no solo, favorecendo as doenças fúngicas. Por isso, é essencial instalar drenagem e coberturas plásticas (túneis).

A radiação solar em regiões mais sombrias (Minho interior) pode limitar a coloração e o teor de açúcar dos frutos.

O vento e o granizo são fatores de risco em zonas expostas, podendo justificar o uso de redes de proteção.

As principais ameaças fitossanitárias nos frutos de baga no Norte incluem os Fungos, *Botrytis cinerea* (podridão cinzenta), *Phytophthora spp.* (podridões radiculares), *Colletotrichum spp.* (antracnose) — especialmente problemáticos em ambientes húmidos.

As pragas mais importantes são a *Drosophila suzukii* (mosca-do-vinagre-de-asas-manchadas), *Aphis ruborum* (pulgão), *Tetranychus urticae* (ácaro).

Quanto às doenças bacterianas e viroses são menos frequentes, mas estão presentes em plantações não certificadas.

4.6. Condicionanismos de natureza sócio económica

A produção de frutos pequenos de baga tem tido um grande desenvolvimento na região Norte, mas está condicionada por alguns fatores tais como:

Estrutura fundiária e acesso à terra

- Parcelas pequenas e dispersas dificultam a produção em grande escala.
- Muitos produtores são familiares, com pouca capacidade de investimento em tecnologia.

Mão de obra

- Produção intensiva em trabalho, especialmente na colheita manual, pois os frutos pequenos exigem cuidado.
- Dependência de trabalhadores sazonais, que pode gerar dificuldades logísticas e aumento de custos.

Capital e investimento

- Necessidade de infraestruturas: estufas, sistemas de irrigação, frio pós-colheita.
- Os pequenos produtores muitas vezes têm acesso limitado a crédito, restringindo a modernização.

Mercado e comercialização

- Os frutos pequenos têm perecibilidade elevada, exigindo canais de distribuição rápidos e eficientes.
- A competição com produtos importados ou de maior escala pode pressionar os preços.
- As certificações (modo de produção biológico, GlobalGAP) são oportunidades de valorização, mas requerem investimento e conhecimento técnico.

Por outro lado, os programas da PAC (Política Agrícola Comum) e incentivos nacionais podem apoiar inovação, irrigação ou formação técnica no entanto, a

burocracia e dificuldade de acesso aos fundos podem limitar o efeito para pequenos produtores.

Ao nível da educação e conhecimento técnico, a produção de frutos de qualidade exige técnicas avançadas de cultivo, poda, fertilização e proteção fitossanitária sendo que o acesso a formação e extensão agrícola é desigual na região.

4.7. Área, produção e produtividade

Ilustra-se na tabela 2 as áreas por cultura e respectivas produtividades e produções para a região.

Tabela 2 – áreas de cultivo, produtividade e produção por cultura.

CULTURA	Área Total (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Produção Total (Ton)
AMORA	43,31	3066	132,8
FRAMBOESA	91,07	3683	335,4
MIRTILO	1262,07	4003	5052,4
GROSELHA	64,79	1546	100,2
SABUGUEIRO	283,63	1219	345,7

4.8. Sistema de rastreabilidade para certificação do produto

Para a produção de pequenos frutos de baga, existem vários sistemas de certificação e rastreabilidade que podem (ou devem) ser adotados, embora não haja um sistema único e exclusivamente dedicado a “bagas pequenas” nesta região.

Principais sistemas de rastreabilidade/certificação mais relevantes

1. Certificação da produção agrícola e controlo de organismos (modo Produção Integrada, biológico, etc)

A DGADR (Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural) é o organismo que regula o “Controlo e Certificação” de produtos agrícolas sujeitos a modos particulares de produção (biológico e produção integrada). Neste contexto, a rastreabilidade é um requisito em que deve ser possível identificar quem produziu, onde, quando, bem como fazer a correspondência entre produção, parcelas, talhões e produto final. A norma internacional ISO 22005 refere-se aos “Princípios

de rastreabilidade na cadeia de alimentos” e destaca que a rastreabilidade implica “saber de onde veio um alimento e para onde foi” ao longo da cadeia.

Para materiais de propagação de fruteiras (que inclui os frutos de bagas), a DGAV (Direção-Geral de Alimentação e Veterinária) exige o registo dos viveiros, plantas-mãe, etiquetagem, documento de acompanhamento em que são exigidos “Etiquetas e documento de acompanhamento para materiais certificados de fruteiras”. Assim, mesmo antes da colheita, o material de propagação das bagas pode/deve passar por rastreabilidade certificada.

O GLOBALG.A.P. no âmbito agrícola e o referencial “Produção Primária” para frutas e hortícolas incluem o ponto de controlo “Rastreabilidade e Segregação” em que, entre outras obrigações, os produtos certificados têm de estar identificados com número GGN (número com 13 dígitos que serve para identificar os produtores certificados) e os volumes separados entre outros quesitos.

Para produtores de bagas pequenas na região Norte, os requisitos e possibilidades podem ser assim resumidos:

Se o produtor optar por um modo de produção certificada (Produção Integrada ou Biológico), então terá de cumprir requisitos de registo de exploração, talhões, práticas agrícolas, bem como rastreabilidade da produção (da parcela ao produto final) sob supervisão de organismo certificador. Para a comercialização em mercados exigentes ou exportação, têm de adotar certificações privadas como GLOBALG.A.P., Rainforest Alliance, ou outras que poderão ser vantajosas, e nestes casos os sistemas de rastreabilidade online e separação de fluxos são exigidos (por exemplo, as compras/vendas devem ser registadas, os volumes certificados devem estar separados dos não-certificados).

Independentemente da certificação adicional, existe a obrigatoriedade legal na União Europeia (ex: Regulamento (CE) 178/2002, artigo 18) de rastreabilidade de géneros alimentícios, ou seja, os operadores devem ter “a capacidade de detetar a origem e seguir o rasto de um alimento ou substância destinada a ser incorporada” em todas as fases.

4.9. Importância económica da cultura na região Norte

A importância económica dos pequenos frutos de baga pode avaliar-se através de vários ângulos: contribuição para as exportações, atratividade para investimento, criação de valor acrescentado e dinamização rural.

Estas culturas estão entre as que mais cresceram no âmbito da fruticultura portuguesa, em termos de aumento de área ou produção nas últimas décadas.

Existe forte adesão a projetos de investimento em “pequenos frutos”, com centenas de projetos aprovados e dezenas de milhões de euros de investimento aprovados para instalação e modernização. Segundo o GPP, de janeiro a novembro de 2024, o valor exportado destes frutos cifrou-se em cerca de 326 milhões de euros.

A crescente procura internacional funciona como oportunidade para produtores do Norte captarem mercados externos, aumentando receitas e visibilidade da região como produtora de bagas de qualidade.

5. Comercialização

O SIMA no ano de 2024 apenas tem valores para o mirtilo biológico em cuvetes de 125 gramas no mercado do Grande Porto da região do Entre Douro e Minho.

5.1. Calendário de produção/comercialização

A produção e respetiva comercialização decorre entre a semana 21 (20/MAI/2024) e a semana 39 (23/SET/2024).

5.2. Oferta vs procura

A procura mantém-se durante todo o ano sendo suprida com a importação de mirtilos. A oferta nacional decorre entre maio e setembro.

5.3. Qualidade do fruto comercializado

A qualidade do fruto comercializado é assegurada pelas normas de qualidade da União Europeia.

5.4. Concorrência do produto importado

Em Portugal, em 2024 as importações de mirtilo foram cerca de 13.671 toneladas. Podemos estimar que nos cerca de 3000 hectares existentes no país e com base nos dados de produção que existem para o Norte que o País tem um nível de autoaprovisionamento de cerca de 88%.

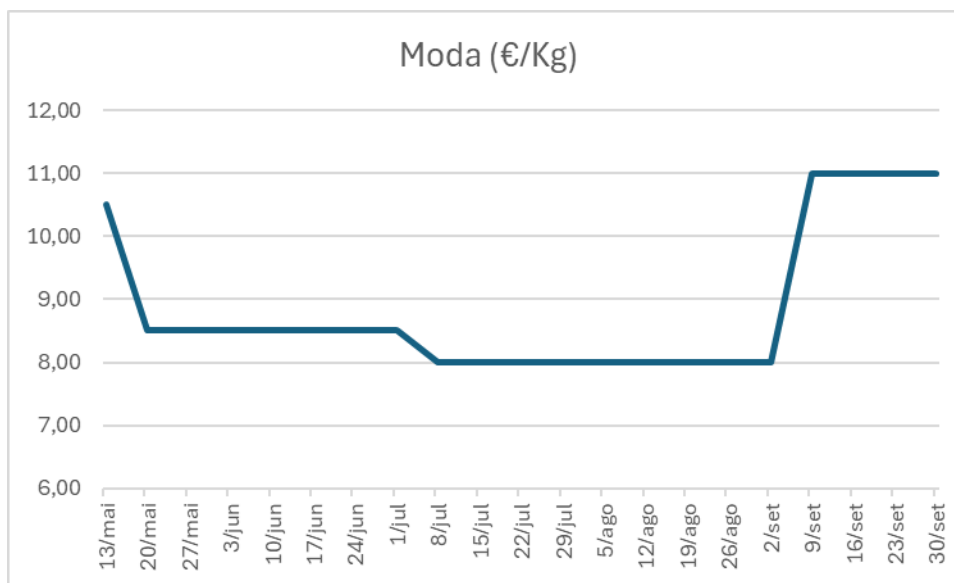
5.5. Circuitos de comercialização

Portugal exporta cerca de metade daquilo que produz o que é significativo. Como não há registos do SIMA relativos aos mercados abastecedores os circuitos de comercialização serão os mesmos das outras fruteiras, isto é, haverá intermediários que abastecem as lojas comerciais existentes no País, desde pequenas frutarias de bairro até às grandes superfícies comerciais como são os super e os hipermercados.

5.6. Evolução das cotações

A evolução da cotação do mirtilo obtidas no mercado de produção no SIMA estão ilustradas no gráfico 1.

Gráfico 1 – Evolução da cotação do mirtilo no mercado de produção



De salientar que não cotação para o mirtilo no mercado abastecedor do Porto.

5.7. Promoção e campanha de marketing

Há a registar as seguintes ações;

A Portugal Fresh – Associação para a Promoção das Frutas, Legumes e Flores de Portugal – participou com 25 entidades portuguesas no stand da feira Fruit Logística 2024 em Berlim. Isso incluiu empresas da fileira hortofrutícola que abrangeram frutos como bagas. A Lusomorango — organização de produtores de pequenos frutos — recebeu em abril de 2024 um “Grupo de Contacto do Morango e Pequenos Frutos” que incluiu produtores de Portugal, Espanha, Itália e França. Trata-se de uma iniciativa de benchmarking e promoção da fileira. Um exemplo local de promoção: em fevereiro de 2024 foi lançada uma parceria de produtos sob a marca Namorar Portugal (gelados “Ice Care” de mirtilo e framboesa) onde as bagas produzidas em Vila Verde, foram valorizadas no marketing do produto.

6. Indústria

A Bfruit é uma Organização de Produtores (OP) muito relevante na fileira dos pequenos frutos (mirtilo, framboesa, amora, groselha, morango) e tem como objetivo profissionalizar a produção e a comercialização, o que implica uma forte ligação entre produção agrícola e logística / comercialização industrial.

A Cooperativa Bagas de Portugal tem um grupo operacional focado na produção sustentável de mirtilo (“ECOMIRTILOS”), com investigação conjunta junto da UTAD, com a Biobaga e Naturpassion para melhorar a nutrição das plantas, a eficiência dos recursos e a sustentabilidade ambiental.

Este tipo de grupo operacional evidencia que há um esforço industrial, ou pelo menos de indústria leve / de fileira, para melhorar a produtividade e a sustentabilidade da cadeia, o que pode gerar impacto nos custos, na qualidade do fruto e na competitividade.

De acordo com um relatório do GPP sobre monitorização da seca, em algumas zonas do Norte há estimativas de menor produção de mirtilo em 2024 face ao ano anterior, o que pode afetar a quantidade de matéria-prima disponível para a

indústria de transformação. Isso pode ter dois efeitos principais se por um lado, um menor fornecimento para processadores, o que pode diminuir a escala de produção de produtos transformados (polpas, congelados, etc.) ou aumentar os custos da matéria-prima para processadores, por outro lado pode provocar o aumento de volatilidade de preço, que pode afetar contratos de fornecimento de longo prazo entre produtores e a indústria transformadora.

A revista da APH (n.º 157) afirma que o mirtilo “é uma cultura bastante rentável ... em muitos casos gera emprego familiar no Norte (vales do Cávado, Terras de Basto, etc.)” e que a procura por investimento em novos pomares tem sido grande. Este crescimento da produção e da escala pode favorecer a indústria local porque há mais matéria-prima para abastecer unidades de processamento no país e pode permitir economias de escala para processadores se a produção local se consolidar e se tornar mais previsível.

A indústria de transformação pode aumentar o valor agregado da fileira: parte da produção pode ir para produtos de maior valor (ex: polpa, “smoothies”, congelados, produtos gourmet), o que permite aos produtores captarem parte desse valor extra, especialmente se estiverem integrados em organizações de produtores ou cooperativas com capacidade de negociação e integração vertical.

O projeto ECOMIRTILOS (via Bagas de Portugal) mostra que há uma preocupação industrial com práticas mais sustentáveis e inovadoras. Isso pode resultar em menor custo de investimento, menor impacto ambiental e melhor imagem da fileira, o que pode atrair mercados mais exigentes (por exemplo, clientes que valorizam a sustentabilidade do produto). A presença de parcerias entre produtores e universidades / centros tecnológicos permite que a inovação chegue à produção, o que, por sua vez, pode beneficiar a indústria (matéria-prima mais consistente, com características ajustadas, melhor qualidade, menos perdas).

A indústria transformadora depende também da capacidade de exportar ou de escoar os produtos transformados. Se a produção subir muito sem que haja crescimento proporcional da procura ou dos mercados externos para produtos processados, isso pode levar a uma saturação ou pressão sobre os preços.

No entanto há negatividade que é preciso levar em consideração como sejam o custo da matéria-prima em que se a produção local for volátil (por exemplo, por condições climáticas), os processadores podem enfrentar preços altos ou instabilidade no fornecimento, o que dificulta o planeamento. O investimento inicial é elevado, para instalar ou expandir unidades de processamento (congelados, polpa, etc.) são necessários investimentos em instalações frias, tecnologia de conservação, embalagem, o que pode ser difícil para processadores locais sem escala suficiente. A concorrência internacional em que os transformadores portugueses competem com empresas internacionais que podem produzir polpa ou produtos industrializados de bagas a custos mais baixos devido a maior escala ou mão de obra mais barata o que provoca uma pressão nas margens. A regulação e certificação em que para exportar produtos transformados (polpa, congelados), onde muitos mercados exigem certificações (higiene, rastreabilidade, qualidade), implica um aumento do custo e da burocracia para a indústria local.

A sustentabilidade e o custo de energia em que a indústria de transformação muitas vezes depende de refrigeração, conservação e transporte refrigerado — o custo energético pode ser relevante, especialmente com aumento de preços de energia.

A importância estratégica da indústria para a fileira no Norte onde a presença de unidades industriais (ou de processamento) próximas aos produtores do Norte pode reduzir perdas pós-colheita e permitir que os frutos que não cumprem parâmetros “premium” sejam transformados em valor (polpas, produtos congelados, etc.), podem melhorar a rentabilidade da fileira. Aqui a indústria local pode servir de âncora de mercado para pequenos produtores do Norte, garantindo um comprador para parte da produção, o que reduz o risco para os agricultores. A inovação industrial (via grupos como o grupo operacional “ECOMIRTILOS”) pode tornar a fileira mais sustentável e resiliente, o que beneficia não só a produção, mas também a imagem exportadora (produtos “verdes”, “sustentáveis”). Um crescimento equilibrado entre produção agrícola e capacidade industrial pode ajudar a fileira dos pequenos frutos a evoluir para maior maturidade, com valor

agregado mais alto e menos dependência de commodity fresca. Assim como conclusão, em 2024, o impacto da indústria na fileira dos pequenos frutos de baga na região Norte de Portugal parece ter sido significativo, mas ainda com oportunidades e riscos: há fortalecimento da cooperação entre produtores e processadores, inovação voltada para sustentabilidade, e potencial para aumentar valor agregado. No entanto, a volatilidade da produção, os custos industriais (energia, certificação), e a necessidade de escala para tornar os processadores locais competitivos são desafios que precisam ser geridos para maximizar esse impacto positivo. Se a fileira industrial (processamento) conseguir crescer de forma alinhada com a produção agrícola, há potencial para reforçar a cadeia de valor no Norte, aumentar a resiliência dos produtores e capturar mais valor localmente.

7. Análise SWOT da fileira

Strengths - Forças

- Crescimento da área e conhecimento técnico: o mirtilo e outros pequenos frutos tiveram expansão rápida em Portugal nos últimos anos, com desenvolvimento de know-how produtivo que também beneficia os produtores do Norte.
- Investimento e projetos locais: grande número de projetos aprovados e investimento dirigidos à fileira no Norte — sinal de dinamismo e capacidade de modernização da produção e da comercialização.
- Organização da fileira a nível local: existência de estruturas cooperativas/associativas (ex.: Bagas de Portugal, iniciativas locais em Sever do Vouga), Bfruit, que facilitam a comercialização, agregação de oferta e acesso a serviços partilhados.
- Janela de mercado e proximidade ao mercado europeu: a localização geográfica permite janelas de colheita competitivas e logística eficiente para exportação intra-EU.

Weaknesses - Fraquezas

- Fragmentação da exploração e escala média reduzida: muitas explorações no Norte são de pequena dimensão o que limita economias de escala e poder de negociação face a importadores/retalhistas.
- Dependência de mão de obra sazonal e custos elevados de colheita: culturas intensivas em trabalho como bagas sofrem com escassez sazonal e custo de mão de obra.
- Necessidade de investimento em frio pós-colheita e rastreabilidade: para competir em mercados exigentes, muitos produtores precisam ainda de investimento em cadeia fria, embalamento e certificações.
- Vulnerabilidade a variações de preço por excesso de oferta: crescimento rápido da área (ex.: mirtilo) pode provocar épocas de excesso de oferta com pressão descendente sobre preços locais.

Opportunities - Oportunidades

- Mercados de exportação em crescimento: Portugal continuou a ganhar quota de exportação em pequenos frutos; há procura externa para mirtilo e framboesa que produtores do Norte podem canalizar.
- Diferenciação por qualidade/certificações/nichos (modo produção biológico, conveniência): investir em certificação e produtos de valor (hortas ecológicas, embalagens de conveniência) pode aumentar as margens.
- Agrupamento comercial e integração vertical: cooperativas e centralização de serviços (logística, armazenagem, comercialização) reduzem custos e aumentam capacidade negocial.
- Inovação varietal e técnicas adaptadas ao clima: melhoramento, técnicas de poupança hídrica e proteção fitossanitária podem mitigar riscos climáticos e reduzir custos a médio prazo.

Threats - Ameaças

- Concorrência de dos produtos importados e de países com maior escala: importações (e produção competitiva em Espanha e Países Baixos) podem pressionar preços, sobretudo fora das janelas de vantagem nacional.
- Riscos climáticos e recursos hídricos: alterações climáticas e eventual escassez de água ameaçam produtividade e custos de produção.
- Volatilidade dos mercados e dependência de grandes compradores: concentração de canais de venda (retalho/exportadores) torna os produtores mais vulneráveis a flutuações de preço e em termos comerciais.
- Custos de produção em subida (investimento, energia, mão de obra): podem reduzir rentabilidade se não houver transferência de valor para o produtor via preço ou diferenciação.

8. Perspetivas e recomendações

As prioridades estratégicas da fileira poder-se-ão resumir assim:

- a) - Agregação de oferta: reforçar cooperativas/OP (organizações de produtores) no Norte para escala, marca e negociação.
- b) - Investir em cadeia de frio e na certificação: orientar parte do investimento aprovado para frio pós-colheita, rastreabilidade e certificações (GLOBALG.A.P., modo de produção biológico) que abrem mercados de maior valor.
- c) - Gestão de janelas de oferta: calendarizar variedades e técnicas (produção precoce/tardia) para reduzir picos de oferta que deprimem os preços.
- d) - Diversificação de canais e produtos: explorar transformação, embalagens de conveniência e venda direta para reduzir a dependência do preço de mercado spot.